

APRESENTAÇÃO

A presente edição da *Revista Leia Escola*, volume 19, número especial, é dedicada à primeira Feira Literária ocorrida em Campina Grande (I FLIC), durante o período de 28 de novembro a 02 de dezembro de 2018.

Campina Grande é uma cidade conhecida por seu público universitário e por sua verve artística. Um evento que congregasse esses dois pilares – além de convidar à comunidade em geral a celebrar a leitura, a escrita, a Literatura e suas ferramentas – estava entre as possibilidades e ambições da Rainha da Borborema. A partir dessa reflexão, quatro amigos educadores – Carla Teíde, Iasmin Mendes, Samelly Xavier e Styellio Mendes – desafiaram-se mutuamente a transformar esse projeto em atitude, fazendo surgir assim a primeira feira literária campinense.

Foram dias construídos a partir de: oficinas nas escolas, espaços primordiais para quaisquer mudanças sociais; eventos artísticos, como saraus e lançamentos de livros; e debates públicos, como mesas-redondas e palestras, acerca da diversidade literária, sua representatividade e seus múltiplos aspectos sociais. Um pouco desse acervo foi compilado neste número especial da *Revista Leia Escola*, graças à parceria e iniciativa da professora Márcia Tavares, editora da revista e participante da mesa-redonda “Literatura também é para incluir”, no segundo dia de FLIC.

Nesta edição, podemos, inclusive e inicialmente, refletir sobre o porquê da existência de feiras literárias, no artigo de Maria Ester de Sousa Viera, intitulado “As feiras literárias, o livro e o leitor: ‘plumas emaranhadas’”, que embora não vise a responder prontamente qual o intuito geral das feiras, como a própria autora justifica, reitera nosso pensamento de que eventos como estes, mais do que uma visão comercial do livro, trazem uma reflexão e contribuição para formação cultural da população, ou, mais especificamente, para a formação de leitores. A autora faz uma leitura sensível e acurada das linguagens e símbolos de um conjunto de cartazes de feiras nacionais e, especificamente, detalha uma leitura de alguns cartazes e materiais de divulgação de feiras paraibanas e de outros estados nordestinos.

No artigo seguinte, Danielly Viera Inô discute a permanência de alguns estereótipos na prolapada “ausência” de leitores ao longo da investigação sobre notícias recolhidas de jornais locais sobre a Biblioteca Municipal de Campina Grande. Inô nos apresenta um painel detalhado de informações que circularam nos jornais *O Momento* (setembro/1950), *Jornal Formação* (outubro/1951 e outubro/1953), *O Globo* (julho/1952 e agosto/1952), *Jornal do Estudante* (agosto/1953), e que se dedicaram a discutir *se e o que se lia* na cidade, sobretudo em sua Biblioteca Pública Municipal.

Ainda sobre espaços de leitura, Amasile Coelho Lisboa da Costa Sousa, Otaíza dos Santos Silva e Solange Diniz de Oliveira justificam, em seu artigo, a importância do estímulo à leitura de textos literários em ambiente escolar. O artigo relata a experiência vivenciada por alunos extensionistas do curso de graduação em Letras/Língua Portuguesa e alunos do ensino médio, dentro do projeto de extensão “Nas Asas da Leitura”. O referido projeto tem como objetivo o incentivo à leitura não só dentro da escola, mas como prática que possa ser desenvolvida em outros espaços, como, por exemplo, o familiar. Essa iniciativa extensionista se destaca por levar o conhecimento produzido na academia até a comunidade, além de demandar a divulgação de nomes de

autores ainda pouco conhecidos, bem como temáticas bastante atualizadas.

Nesta edição especial da *Revista Leia Escola* é possível também ler a resenha, escrita por Lau Siqueira, do livro *Histórias nada sérias*, de Maria Valéria Rezende. Em seu texto, Lau recupera um importante momento histórico na cena da produção literária pessoense, marcado pela realização do Clube do Conto da Paraíba. Segundo ele, o livro de Maria Valéria nasce das discussões e trocas empreendidas no âmbito das reuniões desse Clube, que contava com a participação de importantes nomes da literatura local. Embora o título escolhido tenha sido *Histórias nada sérias*, Lau Siqueira demonstra, com precisão e também com o lirismo que lhe é tão característico, a seriedade com a qual a autora empreende a sua escrita, neste caso específico permeada também pela seriedade que sustentava as apreciações e trocas possibilitadas pelas reuniões entre os autores do referido Clube do Conto.

Outro aspecto também apontado nesta edição é a discussão sobre a Literatura advinda da internet: afinal, os seguidores são os novos leitores? Com uma frequência cada vez maior, autores têm priorizado a realização de publicações em suas redes sociais, de maneira que o mundo virtual se configura, por vezes, como o primeiro canal de interação entre leitores e textos, leitores e autores. Sem dúvida, essa forma de circulação dos textos propiciada pela internet afeta diretamente os papéis de autores e leitores, bem como as condições de produção desses textos. A possibilidade de publicá-los virtualmente e assim atingir imediatamente os possíveis leitores, de ter acesso às suas reações e percepções, de não depender da interferência de um mercado livreiro e editorial, transforma profundamente tanto autores, quanto leitores e também os textos. É possível encontrar facilmente, hoje em dia, autores que publicam exclusivamente em redes sociais ou blogs, ou cujos livros impressos passaram primeiro por uma versão online, disponibilizada de maneira esparsa na web, e que futuramente se transformou em projeto editorial impresso. Não nos esqueçamos, contudo, que, guardadas as devidas proporções, a internet de hoje é o jornal impresso do século XIX e início do XX, época na qual os jornais brasileiros publicavam regularmente textos de grandes escritores, antes mesmo que eles chegassem (quando chegavam) a assumir o formato de um livro. Muitos sucessos e fracassos puderam ser construídos naquele período, apoiados pelo crivo do público leitor desses periódicos.

Neste contexto, as redes sociais podem contribuir – e muito – para o sucesso artístico de novos escritores, cuja voz passa a ser ouvida/lida com um intervalo muito menor entre produção e recepção, e numa escala medida por curtidas e compartilhamentos. Foi o que aconteceu com o jovem e já renomado escritor Bruno Ribeiro, autor de livros premiados como *Glitter*, que, aliás, teve seu espaço inicial nas plataformas digitais, como o Kindle e só depois ganhou uma versão impressa. Na entrevista concedida à Samelly Xavier e à assessoria de imprensa da FLIC, Bruno Ribeiro falou um pouco desses ‘novos tempos’ e se mostrou otimista diante desse momento literário de ‘explosão’ artística.

Ainda com o intuito de abordar as novas tecnologias como aliadas e não como algozes no que diz respeito à promoção da leitura e da escrita, Edmundo Gaudêncio convida, em seu ensaio, a refletir acerca desses novos tempos virtuais, das características esperadas dos textos literários em épocas de redes sociais.

Em suma, sejam nos leitores idos dos anos 1950, como aponta o artigo da professora Danielly Inô, sejam nos leitores atuais da mais tenra tecnologia, como são os de autores contemporâneos como Bruno Ribeiro, o que não se pode negar é que a palavra escrita continua encantadora, atraente e digna de ser estudada e apreciada por todos, sem distinção. E é por isso que feiras literárias existem, que revistas como esta

existem, que os livros permanecem (junto a tantos outros materiais de leitura) e que a metalinguagem nunca está fora de moda.

Vida longa à FLIC!

Danielly Vieira Inô
Samelly Xavier

Campina Grande, 15 de maio de 2019